

A PRIMEIRA SELETA BRASILEIRA SUL-RIO-GRANDENSE¹

Antonio Hohlfeldt²

A **Selecta brasileira**, organizada por Ignácio de Vasconcellos Ferreira, em conjunto com Antonio de Azevedo Lima³, foi, como bem diz seu autor, na abertura da obra, uma tentativa de fazer, em solo pátrio, aquilo que já se elaborava no próprio país ou no estrangeiro:

O **Parnaso Juvenil** não era o livro mais próprio para o uso de nossas escolas, porque, sendo uma coleção de versos de autores portugueses, não só conservava a nossa mocidade na ignorância da literatura brasileira, que já vai adquirindo um cunho próprio; como obrigava nossos jovens concidadãos a empregar o tempo, que deverão consagrar à leitura de assuntos nacionais, exclusivamente na das glórias do nome português⁴.

Se Pedro Villas-Boas menciona a obra corretamente, quanto a seu título, o mesmo não ocorre com Guilhermino César, que a denomina **Selecta Nacional**, tanto no corpo de sua obra, quanto na bibliografia final que apresenta. Não resta dúvida, contudo, quanto ao título da

1 Comunicação apresentada no dia 24 de agosto de 2011, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, no âmbito do Colóquio “Ensino, formação moral e cidadania em livros didáticos no Brasil – 1850-1950”.

2 Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; Doutor em letras pela PUCRS; Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Letras, ambos da PUCRS; Presidente (2008-2011) da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; Conselheiro da SBPJR – Sociedade Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo; pesquisador do CNPq.

3 CÉSAR, Guilhermino – **História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)**, Porto Alegre, IEL-CORAG, 2006, p. 256; VILLAS-BÓAS, Pedro Leite – **Dicionário Biográfico Gaúcho**, Porto Alegre, EST, 1991, ps. 89-90.

4 FERREIRA, Ignacio de Vasconcellos – **Selecta brasileira**, Porto Alegre, sem editor, 1869. O volume que se tem em mãos integra o acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Não possui folha de rosto nem o sumário, de onde não se pode identificar o título com que a primeira série de poemas é apresentada. O volume, encadernado, inclui as Partes I e II. De sua leitura, e que vamos aprofundar adiante, fica claro que a Parte I seria dedicada às crianças das primeiras séries e a Parte II aos estudantes iniciados na leitura.

obra idealizada por este poeta, aparentemente medíocre, na avaliação de Guilhermino César, mas bom jornalista, *causeur* exemplar e excelente humorista, integrante de revistas como a Arcádia e Murmúrios do Guaíba, onde inclusive publicou o primeiro ato de um drama denominado **A independência**, considerado pelo mesmo historiador como não de todo mau. Guilhermino César ainda indica, como interessante, a sátira **Do Campara**, editado em 1895 e reproduzido em 1897 pelas páginas do Correio do Povo, onde o poeta glosa um conhecido ladrão da época, sugerindo-lhe que, melhor do que roubar de noite, deveria travestir-se em bom cidadão e roubar de dia... Como se vê, o problema é velho...

Deve-se imaginar que o projeto de uma *seleta* – diríamos hoje, uma *coletânea* – inseria-se numa perspectiva mais ampla, que era a da própria Sociedade do Partenon Literário, a que Ignácio de Vasconcellos Ferreira pertencia. Fundada em 18 de junho de 1868, Vasconcellos Ferreira é um dos nomes que lideram a lista de escritores e intelectuais responsáveis pela iniciativa de criação daquela entidade. O *programa* da instituição, editado no número inaugural de sua revista, em março de 1869, destaca a preocupação com o “culto às letras”, ao mesmo tempo em que afirma ser a fundação da associação a abertura de um “ciclo literário na província”⁵. Pode-se dizer que o projeto de Ignácio de Vasconcellos Ferreira responde, na prática, e de imediato – se não concomitante – ao repto lançado por Apolinário Porto Alegre no discurso de instalação do Partenon Literário: “Oh! Não!.. Não morrerá a idéia civilizadora! Não... Confio em vós, nova geração de obreiros do progresso, mocidade estudiosa do Rio Grande do Sul, que erguestes um lábaro (...) a cidade de Porto Alegre deve orgulhar-se com as festas da inteligência”⁶. Contrasta com esta questão, a que voltaremos em seguida, porém, a experiência e a prática literárias do organizador

5 Zilberman, Regina; SILVEIRA, Carmen Consuelo e BAUMGARTEN, Carlos A. (Orgs.) – **O Partenon Literário – Poesia e prosa, Porto Alegre, Instituto Cultural Português-Escola Superior de Teologia. 1980, p. 46.**

6 Zilberman, Regina; SILVEIRA, Carmen Consuelo e BAUMGARTEN, Carlos A. (Orgs.) – **O Partenon Literário – Poesia e prosa, op. cit. p. 52. Pressupõe-se ter sido editada pelo menos uma outra seleta, em outro local que não Porto Alegre e por outros autores, o mencionado Parnaso brasileiro, na verdade, obra do Cônego Januário da Cunha Barbosa, publicada em 1831.**

da coleção. Ignácio de Vasconcellos Ferreira era sobretudo jornalista, tendo atuado, dentre outros, no Jornal do comércio, O Diógenes e A reforma, neste, ao lado de Gaspar Silveira Martins, naquela mesma época. Assinava uma coluna de crônicas com pseudônimo, gostava da boemia e era um *bon vivant*: em resumo, certamente não se tratava de um *exemplo* para a mocidade sul-rio-grandense...

Ao mesmo tempo, o acompanhamento dos (poucos) dados de que dispomos em torno de sua figura mostram-nos um cidadão *militante*, ligado ao liberalismo, crítico de seu tempo e dedicado verdadeiramente à difusão das idéias, tanto das novas quanto, ao que parece, daquelas já entronizadas no altar do oficialismo.

A **Selecta brasileira** tem este duplo aspecto. Ela é moderna, na medida em que é a *primeira coletânea* de caráter nacional, reunindo exclusivamente poetas brasileiros – inclusive o próprio organizador – produzida no Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo, e sobretudo na Parte II, dedicada aos alunos já mais avançados nos estudos literários, a seleção apresentada ratifica uma versão *oficialista* da literatura. Essa observação não é necessariamente uma crítica: é uma constatação. Para bem se compreender os motivos, é preciso se relembrar o contexto. Estamos em meio ao Romantismo. A geração do Partenon Literário é contemporânea e dialoga com José de Alencar, responsável pelo grande projeto da nacionalidade literária e da autonomia do português falado no Brasil, em face daquele de Portugal. Ora, a **Selecta** traz em seu bojo exatamente este objetivo, ainda que na prática nem sempre ele chegue a ser cumprido, simplesmente porque a matéria-prima disponível, até aquele momento, a herança literária de que lança mão o organizador, é escassa e está umbilicalmente presa a uma literatura ainda *portuguesa*; basta verificar-se os nomes escolhidos (na verdade, os disponíveis): Tomás Antonio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Manuel da Silva Alvarenga, Gregório de Mattos⁷, dentre os barrocos e

7 A fama do poeta baiano pode nos surpreender por sua inclusão na antologia. Mas trata-se de alguns poucos poemas, e cuidadosamente selecionados, enquanto seus contemporâneos surgem com um conjunto bastante numeroso e variado.

arcádicos; alguns sacerdotes, como o Padre Simões da Cunha (?), Frei Francisco de S. Carlos, Frei José de Santa Rita Durão e, enfim, os *fundadores* da literatura pátria, como Domingos de Magalhães, Basílio da Gama, Manuel Botelho de Oliveira, Januário da Cunha Barbosa, José Bonifácio de Andrada, J. Norberto de Sousa e Silva, Francisco Otaviano, além de todos os (ainda então) jovens românticos, como Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Casemiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Joaquim Manuel de Macedo, Manuel de Araújo Porto Alegre, e uma plêiade de outros autores, hoje completamente desconhecidos mas que, por certo, à época, deveriam ser valorizados e significativos.

Na abertura da obra, Vasconcellos Ferreira, como se disse, é taxativo em renegar as seletas anteriores, valorizando o que deveria ser uma coletânea com os escritores eminentemente nacionais. O volume, aparentemente financiado pelo próprio autor, já que não se encontra qualquer referência à gráfica ou editora⁸, apresenta, logo depois de seu Prólogo (do autor) o Parecer do Conselho Diretor de Instrução Pública, imagine-se que da província, e que, segundo o autor, “aprovou meu livro, e mandou que substituísse nas escolas da província ao **Parnaso juvenil**”⁹. Segue-se o Parecer, composto em letra miúda, denso, de duas páginas, em que se destaca:

[a obra] presta-se perfeitamente a semelhante fim [o do aprendizado das letras pátrias], pelo arranjo, encadeamento das poesias, que se vão sucedendo sempre com mais ou menos harmonia, e de mais fáceis para mais difíceis (...) Quando o magistério público ensinar a brasileiros por obras pátrias, não perderá a língua a sua beleza, e despertando o gosto, o amor às coisas pátrias, fará ao país um grande benefício (...) A obra do Sr. Ignacio de Vasconcellos Ferreira, se não contém como o

8 Pedro Villas-Boas indica a tipografia do jornal *O Riograndense*, enquanto Guilhermino César não faz qualquer referência de editora.

9 FERREIRA, Ignacio de Vasconcellos – *Selecta brasileira*, op. cit., sem indicação de página, por se encontrar a página rasgada na parte inferior.

Parnaso brasileiro produções de todos os que tem ilustrado as letras pátrias, tem de superior a este a escolha de poesias, de cantos próprios a formar os corações de nossos jovens, inspirando-lhes o que devem a Deus, à pátria e à família, e por mais este merecimento a Comissão recomenda e louva o trabalho, a obra.

O Parecer vem datado de 30 de dezembro de 1868 e é firmado por Diogo Francisco Cardoso e Emilio Valentim Barrios. Cabe, depois, discutirmos a seleção e o fato de serem ou não *próprios à mocidade* os poemas escolhidos. A primeira parte da **Seleção brasileira** contém poemas distribuídos em quatro blocos, dos quais não foi possível conhecer a titulação do primeiro, por faltar uma folha no exemplar disponível. Trata-se, o primeiro bloco, de 96 poemas do próprio organizador, com raras exceções¹⁰, numerados em algarismos romanos, poemas que apresentam *morais* a serem transmitidas às crianças, a partir da tradição firmada no Ocidente, desde as fábulas de Esopo. Assim, em versos, e tendo como personagens principais aos animais, narram-se histórias e apresentam-se situações de que sempre se deve tirar um aprendizado, normalmente explicitado numa quadrinha final, que vem graficamente separada do conjunto do poema, por uma linha de sinalização, como que a evidenciar que aquela passagem final não faz, de fato, parte do poema (literariamente falando). De modo geral, são poemas curtos, duas ou três quadras. Fala-se da vaidade, da jactância, da inveja, da preguiça, da necessidade de se passar do discurso para a ação, do prejuízo provocado pelos puxa-sacos e, pasmem, da corrupção, dos desvios que os agentes públicos podem produzir quando em suas funções, etc. Discute-se a falsa aparência, o mau político, os enganadores, a necessidade da Justiça e da caridade, a tendência ao empreguismo (!!!), a falta de decisão por parte de falsos líderes, o perigo dos vícios, etc. Alguns poemas surpreendem pela atualidade, ainda hoje. Esta parte está, claramente, preocupada com um conteúdo

10 Os poemas não vêm assinados, à exceção dos das páginas 37 (Joaquim José Teixeira), 81 (A. L. do Bomsucesso), 87 (J. Norberto de Sousa e Silva), 89 (Joaquim José Teixeira) e 91 (Marquês do Paraná), com que se encerra o conjunto.

pedagógico, moral e educativo, o que é menos evidente nas demais partes, onde a tendência é mais a da valorização formal e literária. Às vezes valorizam os temas históricos, sobretudo na Parte II, quando abordam acontecimentos da história (ainda recente) do país, sobretudo quanto à independência.

A segunda série se intitula “Poemas diversos” e traz obras do Visconde de Pedra Branca, Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, Quintino Bocaiúva, Tomás Antonio Gonzaga, Junqueira Freire, Teixeira de Mello, Álvares de Azevedo, etc. No terceiro bloco, a atenção se concentra na forma do soneto, com um total de 26 obras de Vieira Ravasco (?), Cláudio Manuel da Costa, Basílio da Gama, Silva Alvarenga, Gregório de Mattos, José Eloy Ottoni, etc. a que se segue novo bloco, com as sátiras – o organizador é fiel a si mesmo, sem dúvida – com obras de Gregório de Mattos, Dr. Laurindo J. de S. Rabello e Manuel da Silva Alvarenga. São poucos poemas, contudo, sendo que, à exceção de Gregório de Mattos, o conceito de sátira, aqui, aparece muito flexibilizado, o que se entende, levando-se em conta que a obra está dirigida a crianças e jovens.

A segunda parte da **Seleta** é compacta, recomeçando a numeração das páginas, o que parece indicar que o volume encadernado que se tem em mãos, na verdade, reúne dois volumes originalmente autônomos. Esta segunda coletânea apresenta um conjunto de 55 poemas, de formas variadas, alguns dos quais são longos cantos de tentativas de epopéias ou obras densas, como o dramático “Cântico do Calvário”, de Fagundes Varela, ou o surpreendente “A rocha negra”, de Joaquim Manuel de Macedo, lado a lado com os poemas pernósticos e formais de José Bonifácio de Andrada, em prol da independência do país, plenos de citações de figuras míticas gregas e romanas. Ou ainda, o inesperado “Napoleão em Waterloo”, de Domingos Gonçalves de Magalhães, em que se louva e engrandece o ex-imperador francês...

Politicamente oportuno, a seleta é encerrada com a transcrição de várias passagens da epopéia **Colombo**, de Manuel de Araújo Porto

Alegre, naquele momento nome de referência da literatura nacional e, não por coincidência, sul-rio-grandense e companheiro de Partenon Literário...

O que pensar, hoje, a respeito desta obra que, para nós, numa primeira leitura, soa pesada, chata e pouco significativa do ponto de vista estritamente literário, com raras exceções. Antes de mais nada, deve-se ter em mente que o cânone – e neste caso o cânone literário – muda com o passar dos tempos. É evidente que a primeira preocupação do organizador da seleta era a questão moral, inclusive a moral pública, como se verifica neste poema chamado “O touro e os cabritos”:

Lá vem saltando penedos
Cabritinhos em rebanho,
A descobrir algum vale
Onde os dentes achem ganho.

No momento em que se julgam
Da fortuna já na porta,
Abre negro touro um berro,
E aquela estrada lhes corta.

“Passai de largo, estrangeiros,
Aqui não há que comer;
Defendendo estes penhascos,
Apenas cumpro um dever.”

Embora o touro inflamado
Tocasse nobre clarim,
O que ele assim defendia
Era um campo de capim.

Que somente a pátria servem.
Dizem alguns por engodo;
Mas reparem que o serviço
É ter proveitos a rodo¹¹.

Dirigidos aos pequenos, os poemas, na maioria dos casos, são leves, com histórias rápidas, muitas vezes vinculadas à experiência prática do cotidiano da vida social, como em “O tatu engenheiro”:

Um cão veio a ser governo;
Mas à Província faltava
Decente, nobre guarida
Para o senhor que chegava.

A quem fundasse o palácio
Ofertou-se recompensa,
E de arquitetos peritos

11 “O touro e os cabritos”, in FERREIRA, Ignacio de Vasconcellos – *Selecta brasileira*, op. cit., p.19.

A multidão foi imensa.

Do tatu se fez o mestre,
E bom mestre foi julgado,
Porque trazia consigo
Certa amostra de telhado.

E pôs ele mãos à obra,
Furou, furou e furou,
E finalmente ao cachorro
O seu buraco mostrou.

Claro está que não servia
Um tão escuro palácio,
Mas o mestre recebera
O prêmio logo ao prefácio.

Entre nós sucede o mesmo,
E são perdidos milhões,
Porque a tatus confiamos
Importantes construções¹².

12 “O tatu engenheiro”, in FERREIRA, Ignacio de Vasconcellos – *Selecta brasileira*, op. cit., p.17.

Bem diversa é a segunda parte, dirigida aos jovens. Começa ela por um poema de Fagundes Varela, denominado “Pátria”, a que se segue de imediato um poema de Gonçalves Dias em homenagem ao Imperador. Há poemas interessantes, até dramáticos, como “O Gigante de pedra”, de Gonçalves Dias, mas também encontramos textos como o “Dies Irae”, de Álvares de Azevedo que, para além da dificuldade vocabular, apresenta um tema certamente incompatível com a faixa etária e o nível de interesse do então jovem leitor, pois assim começa:

Jaz o mundo corrupto! – a terra ingrata
Frutos de maldição produz somente;
E em quanto os homens ao mercado afluem,
Vazio o templo do Senhor se enluta,
Empoeira-se o altar, e pelas naves,
Gretadas, rotas pela mão do tempo,
De cânticos e preces deslembradas,
A voz de Deus já não reboa imensa!
Tudo porém conserva o mesmo aspecto
O sol girando, e na aparência o mesmo
Do ano as quadras compassado alterna;
E os astros, seus irmãos, gravitam sempre
D’abóbada celeste. A terra é a mesma;
As aguas pelos vales se deslizam,
Ou d’alpestres montanhas se despenham

Co'os mesmos sons, co'a mesma queda: as brisas

Inda conversam nos soturnos bosques;

A mulher, a mais bela criatura¹³.

O próprio “Cântico do Calvário”, de Fagundes Varela, um dos poemas mais densos e mais dramáticos do romantismo brasileiro, parece estar deslocado, pelo tema e pelo tom assumido, de desespero e de ceticismo, para ser lido por jovens. Assim começa o poema, depois da esclarecedora (e problemática) dedicatória – À memória de meu filho:

Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústias conduzia
O ramo da esperança. - Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro.
Eras a messe de um dourado estio.
Eras o idílio de um amor sublime.
Eras a glória, - a inspiração, - a pátria,
O porvir de teu pai! - Ah! no entanto,
Pomba, - varou-te a flecha do destino!
Astro, - engoliu-te o temporal do norte!
Teto - caíste! - Crença, já não vives!

Correi, correi, oh! *lágrimas* saudosas,
Legado acerbo da ventura extinta,
Dúbios archotes que a tremer clareiam
A lousa fria de um sonhar que é morto!¹⁴

Poemas como “À poesia”, de José Bonifácio de Andrada, na verdade, não alcançam mais que forjar uma educação verborrágica

13 “Dies irae”, do livro *Novos cantos*, de Gonçalves Dias, in FERREIRA, Ignacio de Vasconcellos – *Selecta brasileira*, op. cit., Parte II, p.44.

14 “Cântico do Calvário”, em *Cântico do Calvário e outros poemas*, de Fagundes Varela, in FERREIRA, Ignacio de Vasconcellos – *Selecta brasileira*, op. cit., Parte II, p.54.

e acadêmica, cheia de referências míticas e clássicas, absolutamente distante da realidade brasileira imediata, tudo aquilo a que, ao menos teoricamente, pretendia opor-se o poeta e organizador:

Não os que enchendo vão pomposos nomes

Da adulação à boca,

Nem canto tigres, nem ensino às feras

As garras afiar e o agudo dente:

Minha musa orgulhosa

Nunca aprendeu a envernizar horrores.

Gênio da inculta Pátria, se me inspiras

Aceso estro divino,

Os pérfidos luzentes não mo roubam,

Nem ferrugentas malhas, que deixarão

Velhos avós cruentos:

Canto a virtude, quando as cordas firo.

Graças às nove Irmãs! Meus livres cantos

São filhos meus e seus!

A lauta mesa de baixela douro,

Onde fumegam sículos manjares,

Do vulgo vil negaça,

Mal comprados louvores não me arranca¹⁵.

O que se lastima, nesse caso é que, literariamente falando, José Bonifácio é autor de bonitos sonetos, sobretudo sonetos de amor, que assinou com o pseudônimo de Américo Elísio, mas que não aparecem na antologia, talvez porque, na avaliação do autor, não seriam apropriados para os jovens. Ocorre que, levando em conta que alguns dos sonetos de Tomás Antonio Gonzaga ou Cláudio Manuel da Costa, dirigidos às suas amadas, estão incluídos na seleta, o que pensar? No meu entendimento, basta lê-los – para entender: eles são incompreensíveis (às vezes ilegíveis), sobretudo graças às inversões de ordem sintática características do Arcadismo. Por isso, talvez tenham sido avaliados como não prejudiciais...

Em síntese, pois, a **Selecta brasileira** deve ser lida e avaliada enquanto uma iniciativa importante, que no contexto abriu caminho para outras obras e valorizou os poetas contemporâneos – leia-se, os do Romantismo – ao mesmo tempo em que ajudava a criar um futuro cânone da literatura e da língua. Seus critérios genéricos, sob esta perspectiva, são alcançados. Do mesmo modo, quanto à sua primeira parte, dirigida às crianças menores, os poemas são interessantes, porque educativos. Se levarmos em conta, porém, o prazer e o deleite que a leitura deve produzir, precisaremos, certamente, rever a distância enorme que se cria entre o leitor e suas preferências e as opções do organizador da antologia: no caso das crianças, se há poemas interessantes também há vocabulário extremamente difícil. No caso dos leitores juvenis, certamente os temas líricos poderiam ser mais produtivos para captar a leitura do que aqueles do nacionalismo, tais como os encontramos nas páginas da obra:

Eia, acorda, ó Brasil, eia levanta-te!

Crava os olhos no céu: _ é dia, é dia!

15 “À poesia”, de José Bonifácio de Andrade, in FERREIRA, Ignacio de Vasconcellos – **Selecta brasileira**, op. cit., Parte II, p.80.

- Oh! Quão longo dormir! sono de séculos
Nove, que pra teus filhos no infortúnio
Era um sec'lo cada ano que dormias!
Já de pompas etéreas rodeado,
Oceanos de luz no espaço esparge
O nume de teus pais; olha em triunfo
Como as nuvens espanca, e lá se ostenta
Tão puro e majestoso! ...é dia!, é dia!
- Eia, acorda, ó Brasil, eia, levanta-te!¹⁶

De qualquer modo, lendo a obra, hoje em dia, podemos avaliar o quanto mudou o gosto de leitura: há poemas admiráveis, por certo, ao lado de outros textos, e seus autores, que simplesmente desapareceram no limbo da memória literária. Quanto aos serviços educativos almejados por aquele Conselho Diretor da Instrução Pública, também parecem precários os frutos produzidos: continuamos marcados por todas aquelas falhas humanas e, sobretudo, os deslizes em que perseveram nossos homens públicos, em especial a corrupção e a defesa do interesse próprio.

16 "A coroação", de Firmino Rodrigues da Silva, in FERREIRA, Ignacio de Vasconcellos – **Selecta brasileira**, op. cit., Parte II, p.90.